



## Religião e estética: a arte como comunicação

Mariana Emiliano Simões

*Este texto apresenta abordagem do conjunto estético presente na festa de Nossa Senhora do Rosário, da comunidade dos Arturos, em Minas Gerais. Trata da relação entre arte e ritualidade, a partir da proximidade de fenômenos estéticos e religiosos e apresenta a importância dos objetos no processo de comunicação que constitui a celebração religiosa.*

*Festas de Nossa Senhora do Rosário, objetos rituais, análise de imagem, imagem e ritual.*

A festa do Rosário<sup>1</sup>, como todos os fenômenos religiosos, possui dimensão estética inerente ao ritual, através da qual são identificados os símbolos sagrados adorados que ligam os fiéis a suas crenças. A concretização e a materialização dos mitos ocorrem através de diversos elementos utilizados durante cerimônias ou mesmo fora delas e não estão isentos de valores estéticos e artísticos. Para compreender esse processo, utilizamos a ideia de Mauss<sup>2</sup> ao dizer que os fenômenos estéticos são inerentes à vida social e que a estética contribui de forma significativa para a eficácia religiosa. Sendo o objeto estético algo que possa ser contemplado, é possível nele encontrar valor estético, bem como, aliás, nas atividades, aqui referindo jogos, danças, etc.

A conexão entre fenômenos estéticos e religiosos fica evidente quando se pensa na origem comum de arte e religião, ambas retratos da sociedade em que aparecem. Indissociável do cotidiano nas sociedades tradicionais, a arte é e sempre foi essencial nos processos de simbolização, adoração e confecção de materiais litúrgicos, sendo canal de comunicação com o divino, instrumento auxiliar para tal contato ou apenas ornamento das peças usadas nas liturgias. Ainda segundo Mauss, há sempre um elemento de arte e um

elemento técnico em todo objeto de culto, e isso nos leva a considerar o fato de as imagens observadas durante os rituais terem outro caráter além do utilitário. Elas são formas de expressão e comunicação, o que determina, portanto, a ligação direta da estética aos fenômenos sociais.

Émile Durkheim, ao tratar das religiões totêmicas, mostra a importância da imagem na estrutura dos cultos e, referindo-se ao signo, o quanto é fundamental para a representação daquilo em que se crê, ideia que não pode ser concretizada e compreendida facilmente:

*(...) é uma lei conhecida que os sentimentos despertados em nós por uma coisa se transmitem espontaneamente ao símbolo que a representa (...). Essa transferência de sentimentos advém simplesmente de que a ideia da coisa e a ideia de seu símbolo estão intimamente ligadas em nossos espíritos; disso resulta que as emoções provocadas por uma se estendem contagiosamente à outra. Mas esse contágio (...) é muito mais completo e marcante toda vez que o símbolo é algo simples, definido, facilmente representável, ao passo que a coisa, por suas dimensões, o número de suas par-*

Imagens no altar da Capelinha, comunidade dos Arturos

Coroa maior

Integrante da guarda de Moçambique, comunidade dos Arturos

Fotos da autora

tes e a complexidade de sua organização, é difícil de abarcar pelo pensamento. Pois não poderíamos considerar numa entidade abstrata, que só representamos laboriosamente e com uma noção confusa, a origem dos sentimentos fortes que experimentamos. Não podemos explicá-los a nós mesmos senão relacionando-os a um objeto concreto cuja realidade sentimos vivamente. Portanto, se a própria coisa não preenche essa condição não pode servir para nela fixarem-se as impressões experimentadas, embora tenha sido ela que as provocou. É o signo então que toma seu lugar; é para ele que se voltam as emoções que ela suscita. Ele é que é amado, temido, respeitado; a ele somos gratos, por ele nos sacrificamos.<sup>3</sup>

A partir de então, encontramos no signo a função de traduzir as ideias, os sentimentos, as crenças e os mitos que os homens têm necessidade de concretizar para formar seus sistemas religiosos. Através dos símbolos conhecemos parte da história e da religiosidade, pois é por meio deles que são mantidos a memória e os valores do grupo em que se encontram. Objetos rituais, danças, indumentárias, cantos e instrumentos musicais integram esse acervo mágico-religioso, repleto de sentidos múltiplos e portadores de valores estéticos, plásticos e artísticos.

Considerar as festas do Rosário fenômenos estéticos é conferir-lhes o caráter de arte, reconhecendo seu valor como ação simbólica.<sup>4</sup> Para decifrar seus símbolos, faz-se necessário conhecer as estruturas sociais do grupo que os produzem para então chegar aos códigos de seus fenômenos estéticos. "A semiótica deve ser uma ciência social."<sup>5</sup>

Uma infinidade de significados pode ser retirada do conjunto estético presente na festa em questão. A arte feita pelo povo em lou-

vor aos santos transforma-se em belo espetáculo pelas ruas da cidade, palco para a celebração da fé. Catolicismo e africanismo encontram-se na diversidade de formas, cores e expressões corporais e musicais que conferem identidade própria ao congado dos Arturos. E é nesse momento de comunicação que vemos sua arte e criatividade no ato de adorar. Os festejos fazem parte da vida da comunidade, e, distantes dela, seus símbolos não podem ser lidos. É necessário considerar o todo para que uma parte se revele.

*La variedad de expresiones artísticas proviene de la variedad de concepciones que los hombres tienen del modo en que son las cosas, pues se trata en efecto de una misma variedad. Para lograr que la semiótica tenga un uso eficaz en el estudio del arte, debe renunciar a una concepción de los signos como medios de comunicación, como un código que ha de ser descifrado, para proponer una concepción de éstos como modos de pensamiento, como un idioma que ha de ser interpretado (...) necesitamos (...) una ciencia que pueda determinar el significado de las cosas en razón de la vida que las rodea.<sup>6</sup>*

Em breve exposição acerca de alguns elementos que compõem o conjunto estético do reinado, vale ressaltar o valor dado ao 'corpo negro congadeiro', considerado o eixo principal, local de inscrição da memória, de tradução de saberes e de ostentação dos diversos signos religiosos essenciais ao sistema maior que compreende o congado. Desde a preparação do corpo com os adereços até sua performance durante os festejos, tudo contribui para a eficácia religiosa do rito, ao mesmo tempo em que confere à festa beleza e estética particular, repleta de códigos e símbolos de significados múltiplos.

## Objetos rituais

O sistema simbólico do reinado compreende uma gama de objetos singulares, produzidos especificamente para o momento festivo sagrado e que formam um conjunto estético que merece olhar apurado. Muitos desses materiais passam despercebidos entre tantos sons e danças, mas são fundamentais para o bom procedimento do rito. São os bastões, as coroas, as imagens dos santos, os próprios instrumentos musicais, mastros e estandartes, além de elementos como indumentárias e adornos corporais. Trata-se de artefatos imbuídos de poder e religiosidade, cujo simbolismo muitas vezes só é conhecido por quem vive dentro do universo do congado.

Antes de apresentar alguns componentes do acervo material do reinado dos Arturos, trazemos algumas ideias acerca da definição de “objeto”. Abraham Moles fala-nos dos objetos como elementos essenciais ao contato do indivíduo com o mundo. Dos aspectos apresentados sobre o papel comunicacional do objeto, destacamos o de ser portador de uma forma (estética) e o de constituir ocasião de contato humano.

*(...) de fato, este é o vetor de comunicações, no sentido sociocultural do termo: elemento de cultura, o objeto é a concretização de um grande número de ações do homem da sociedade e se inscreve no plano das mensagens que o meio social envia ao indivíduo ou, reciprocamente, que o Homo faber subministra à sociedade global.<sup>7</sup>*

Ainda em busca de definição, encontramos:

*Etimologicamente, o objectum significa lançado contra, coisa existente fora de nós, coisa disposta diante, com uma característica material: tudo o que se oferece à vista e afeta os sentidos (Larousse). Os filósofos tomam o ter-*

*mo no sentido do que é pensado e se opõe ao ser pensante ou sujeito.<sup>8</sup>*

A partir dessas definições, tomemos o objeto como o que existe fora do homem, que é por ele fabricado e manipulado em situações diversas, exercendo algum tipo de comunicação. O objeto encontra-se, portanto, submetido à vontade do homem.

De acordo com as relações estabelecidas com e pelos homens, os objetos dividem-se em categorias que os classificam pela funcionalidade, qualidade artística, etc. Dessas categorias, podemos considerar o grupo de objetos ritualísticos, aqueles utilizados em cerimônias mágico-religiosas, cuja função está além de sua materialidade: eles formam uma rede de significados, constituída pelas relações entre todos os objetos de determinado culto e pelas relações estabelecidas entre os homens nos momentos em que esses objetos são manipulados. Tais circunstâncias fundam um complexo conjunto semântico, de onde surge uma hierarquia definida pelas significações sociais dadas aos objetos em questão. Portar um deles confere ao indivíduo certas funções ou *status*, e é desse contato que se origina a estrutura ritual mais ampla.

Pensando em uma estética dos objetos, Van Lier<sup>9</sup> diz que eles comunicam pelo simples fato de que atingem a sensação e a percepção, decorrendo todos os outros aspectos da experiência sensível proposta por sua presença ou utilização. Como ciência do belo e da arte, a estética se faz presente na materialidade e contribui para a multiplicidade das significações que encontramos ao tentar decifrar os códigos de determinado objeto. E é partindo desses conceitos que voltamos nosso olhar para o conjunto material presente no ritual do congado.

Para mostrar alguns dos objetos que compõem o reinado dos Arturos, tomamos como

referência a importância das relações estabelecidas com seus usuários e com a memória da coletividade, pois são portadores de identidade e integram a história do grupo. Sobrevivem ao tempo e às pessoas, passam por gerações, santificam, conferem poder, remetem às lembranças de um passado distante ou próximo; são também úteis e exercem funções preestabelecidas dentro das ações litúrgicas, o que os torna indispensáveis ao sistema religioso como um todo. Possuidores de múltiplos significados, tais objetos são indícios culturais do tempo, têm a função de significá-lo, assim como os objetos antigos, que carregam em si uma historicidade.<sup>10</sup> Sobre o objeto antigo, considera o autor:

*O homem (...) tem necessidade, como se tinha da lasca de madeira do Santo Lenho que santificava a Igreja, de um talismã, de um detalhe de realidade absoluta e que esteja no coração do real, inserido no real para o justificar. Tal é o objeto antigo, que se reveste sempre, no seio do meio ambiente, de um valor de célula-mãe. Através dele o ser disperso se identifica com a situação original e ideal do embrião, involui para a situação microcômica e central do ser antes do seu nascimento. Estes objetos fetichizados pois não são nem acessórios nem simplesmente signos culturais entre outros: simbolizam uma transcendência interior; o fantasma de um núcleo de realidade de que vive toda a consciência mitológica e individual.<sup>11</sup>*

Segundo Baudrillard, os signos ou os indícios culturais do tempo são retomados no objeto antigo, que se apresenta como um “retrato de família”, guardando o passado, repleto de significado; “(...) quanto mais velhos são os objetos, mais nos aproximam de uma era anterior, da “divindade”, da natureza dos conhecimentos primitivos, etc.”.<sup>12</sup> O caráter mitológico desses objetos, muitas

vezes transformados em fetiches, faz com que o culto a eles prestado o seja também às origens. Seu valor está naquilo que guardam e na capacidade de mediar o contato com o que transcende à pura forma.

A noção de fetiche, segundo Marina de Mello e Souza,<sup>13</sup> surge do contato dos europeus com os africanos e seus objetos sagrados, chamados de *minkisi* (*nkisi*, no singular) – produzidos por sacerdotes para o uso em rituais, *minkisi* seriam objetos imbuídos de poderes mágicos, ligados aos elementos da natureza e usados para diversos fins espirituais. Considerando sua relevância para os ritos religiosos, pode-se dizer que os objetos fetichizados seriam instrumentos, funcionais ou não, impregnados de sentidos mágico-religiosos, cujos poderes são indispensáveis aos procedimentos ritualísticos de seus portadores.

Percebemos em diversas manifestações o uso de determinados instrumentos que se tornam verdadeiras extensões simbólicas dos corpos em que se encontram. Continuidade, prolongamento, reforço do portador, o objeto integra e se harmoniza com o corpo em performance, é sua metonímia, signo e canal de comunicação. Portanto, ter sua posse, ser o responsável por, tocar, proteger, guardar esses objetos exige atenção e habilidades especiais, físicas ou espirituais, uma vez que eles só exercerão sua função se forem propriamente manejados nos contextos adequados.

Os objetos que encontramos no congado possuem, como todo aparato estético, relações com o mito de origem<sup>14</sup> e com a história dos reinados no Brasil. Há, porém, dinâmica comum a toda manifestação popular, que faz com que determinados artefatos se percam e deixem de ser utilizados, como aconteceu com alguns instrumentos musicais. Também a mudança das formas é perceptível, o que não implica alteração dos

sentidos e valores que carregam. Por outro lado, a permanência de determinados materiais define o quanto são especiais: “Esses são, pois, objetos relíquias para os integrantes da manifestação, isso quer dizer que são objetos tangenciadores do tempo pretérito, são suportes de memórias, que guardam tesouros individuais e coletivos da comunidade (...)”.<sup>15</sup>

Além da historicidade e funcionalidade mágica que possuem, os objetos rituais são esteticamente atraentes, apresentando considerável variedade de cores e formas. São bastões pintados, enfeitados com contas e fitas, imagens sagradas que compõem a riqueza do altar, tambores coloridos, coroas feitas de contas, estandartes cuidadosamente adornados com papéis repicados, infinitas possibilidades encontradas pelos congadeiros a fim de deixar a festa mais bonita para a Senhora do Rosário. A intenção de “agradar a santa e os ancestrais” leva-os a utilizar os materiais disponíveis, valendo-se de toda a criatividade, oferecendo sentido aos pequenos detalhes para que embelezem ainda mais o evento.

Dessa forma, a festa se constrói com cada conta, cada fita colorida, cada lenço, colar, bastão, cada bandeirola que cobre o teto da capela. Cada pequeno detalhe se faz grandioso ao olhar do fiel, que deposita nesses elementos a beleza e a alegria de festejar. Religião e arte se encontram – o fazer artístico serve à religião, que por sua vez confere sentido à arte sacra produzida – indissociáveis, são traduzidas nos corpos, nas danças, nos objetos sagrados. Estes são significados por seus portadores que, no instante festivo, se apossam dos poderes imbuídos em seus instrumentos, fundindo-se numa coisa só. Falando aos ancestrais, louvando, pedindo, agradecendo, os negros Arturos valem-se de todo o conjunto plástico para afirmar, com a própria fé, que a história se perpetua e permane-

ce latente na memória da comunidade, nos corpos que dançam, nas almas adornadas e nos objetos santificados.

Alguns importantes constituintes do reinado estão aqui destacados: a coroa, símbolo maior do ritual, as imagens dos santos e os instrumentos musicais, em especial, os tambores.

#### A coroa

Símbolos maiores de sacralidade, respeitadas e adoradas por todos os congadeiros, as coroas representam Nossa Senhora e podem ser feitas de metais, contas denominadas lágrimas-de-nossa-senhora, enfeitadas com pedras, etc. Ficam no altar da Capelinha, no centro da comunidade, e de lá só são retiradas para reis e rainhas participarem de cortejos e atividades festivas. Exigem imenso respeito em seu uso, devendo seu portador seguir as regras de comportamento do reinado, atuando com zelo e dignidade durante cortejos, banquetes, etc. A coroa maior, primeira na hierarquia conga, é de responsabilidade do capitão-mor, também rei do congado.

#### As imagens dos santos

Herança do catolicismo europeu, a adoração às imagens de santos integra o simbolismo do reinado e, como informa Bengala, presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Contagem, é um dos principais remanescentes da influência europeia no festejo. No altar da Capelinha encontra-se enorme quantidade de imagens, muitas delas recebidas pela comunidade como presentes e que após passarem pelo processo de bênção, são colocadas junto aos outros elementos sagrados que se dispõem sobre a mesa. As principais imagens da festa do Rosário são as de Nossa Senhora do Rosário, protetora dos negros, São Benedito, o santo cozinheiro protetor das refeições,

e Santa Efigênia, santa negra adorada pelos congadeiros.

Além do altar, há imagens também nos três andores adornados com flores que complementam o conjunto estético do reinado e são levados da comunidade até a Igreja do Rosário durante o cortejo – cada um referente a um dos principais santos padroeiros do congado dos Arturos.

### Os instrumentos musicais

Elemento básico na configuração dos rituais afro-brasileiros, a música acompanha toda a manifestação, e sua importância faz dos instrumentos musicais símbolos fundamentais do sistema visual que integram. Meios de comunicação com o sagrado, os tambores e demais instrumentos falam aos deuses e ancestrais, levam em seus sons sofrimentos, pedidos, alegrias, a fé e a vontade de celebrar dos negros congadeiros. 'Ser tambor' é o desejo do negro durante a festa, desejo esse cantado em diversos momentos. Ser tambor é ser também canal de contato, é despojar-se da condição de ser humano profano, cotidiano, para tornar-se divino pela capacidade de adorar e se integrar às energias sagradas que movem o rito.

Destaca-se a necessidade de “pôr sentido” quando se tocam os instrumentos. Manuseá-los é tarefa que exige responsabilidade e disciplina, aprendidas pelos tocadores durante os anos de treinamento e prática dentro do congado. Cada instrumento possui história e sentido único, ligados à herança negra, e, nos Arturos, todos os instrumentos são percussivos. O tambor, também chamado de *ingoma*,<sup>16</sup> é signo central na simbologia do reinado, uma vez que sua função é primordial. Há tambores específicos para cada ritual – candombe, congado, folia – sendo proibido o uso fora de seus respectivos festejos. São seus sons que abrem e fecham os

ciclos do reinado, fazendo pulsarem os corações e os corpos dos negros, que recriam seus cantos e suas orações.

### Conclusão

Investidos do poder mitológico presente nos objetos antigos, os símbolos que a festa do Rosário nos apresenta são signos culturais, possuidores de valor étnico, que liga os Arturos a seus antepassados. São eles que, com músicas e danças, representam as heranças ancestrais, através de imagens, cores e formas características da iconografia afro-brasileira. As coroas que passam por gerações, os bastões que conferem poder a seus portadores, as bandeiras com imagens dos santos, as vestes reais e as fardas dos dançantes, tudo é investido de valor religioso, determinando certos rituais em sua manipulação. Signos de poder e religiosidade, valorizados por sua história e pela ligação com os ancestrais, tais objetos ocupam relevante espaço no universo simbólico do reinado e em seu sistema de comunicação visual, e, como os demais conhecimentos e costumes, são repassados às próximas gerações, perpetuando a fé, a tradição e garantindo a continuidade do congado. Longe de simples adereços estéticos, esses objetos são preciosidades que se preenchem de sentidos e sentimentos quando do momento festivo, ao ser manipulados com finalidades sacras.

Indissociáveis do contexto em que são produzidos e utilizados, os objetos rituais aqui apresentados fazem parte de uma rede de comunicação constituída pelos demais elementos visuais encontrados na festa observada, estando, assim, sujeitos a permanências e transformações ao longo do tempo sem perder, porém, a essência de sua participação nos

Tambores; guarda de Moçambique da comunidade dos Arturos



rituais. Segundo Becker, “o mundo da arte espelha a sociedade mais ampla na qual está inserido”.<sup>17</sup> Assim, temos o universo estético-artístico do congado como o reflexo do mundo mítico-religioso-social em que vivem indivíduos que traduzem em códigos, signos e ícones de sacralidade os segredos e mistérios de suas crenças e construções coletivas.

*Ô, que coisa bonita que eu vi aqui agora  
É o rosário de Nossa Senhora  
Ô, que coisa bonita que eu vi aqui agora  
É o rosário de Nossa Senhora  
Oiê  
(Canto do Moçambique)*

Mariana Emiliano Simões é doutoranda em antropologia pela Universidade Federal Fluminense, na linha de Antropologia do Corpo e do Esporte. Defendeu o mestrado em artes visuais, pela UFRJ, na linha de pesquisa Imagem e Cultura, sob orientação do professor doutor Rogério Medeiros, com a dissertação *Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos: Imagens de uma Celebração*. Ligada às artes cênicas e às danças populares brasileiras, é professora de artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia.

## Notas

- 1 As festas de Nossa Senhora do Rosário são popularmente conhecidas como congados, congadas ou reinado. A diferenciação entre os termos é feita em algumas cidades, caracterizando o reinado como uma estrutura mais complexa, que inclui a presença das ‘guardas’ ou ‘temos’ (dançantes), missa, cortejo e coroação de reis do Congo. Já ‘congado’ refere-se também, especificamente, às guardas de Congo, que podem existir independentemente dos reinados. Neste texto utilizarei os dois termos como sinônimos, já que são aceitos como tal, ao reportar-me à festa em questão.
- 2 Mauss, Marcel. *Manual de etnografia*. Capítulo 5: Estética. Lisboa: Editorial Pórtico, 1967.
- 3 Durkheim, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996: 227. Coleção Tópicos.
- 4 Geertz, Clifford. El arte como sistema cultural. In: *Conocimiento local: ensayos sobre la interpretación de las culturas*. Barcelona: Paidós, 1994.

5 Id., *ibid.*:144.

6 Id., *ibid.*:146.

7 Moles, Abraham A.; Baudrillard, Jean; Boudon, Pierre; Van Lier, Henri; Wahl, Eberhard. *Semiologia dos objetos*. Tradução de Luiz Costa Lima. Petrópolis: Editora Vozes, 1972:10-11.

8 Id., *ibid.*:13.

9 Van Lier, *ibid.*

10 Baudrillard, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

11 Id., *ibid.*: 87.

12 Id., *ibid.*: 84.

13 Souza, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

14 No tempo da escravidão, os negros escravos viram uma imagem da santa vagando nas águas do mar. Os brancos a resgataram e entronizaram numa capela construída pelos escravos, mas na qual os negros não podiam entrar. Apesar dos hinos, preces e oferendas, no dia seguinte a imagem desaparecia do altar e voltava ao mar. Após várias tentativas frustradas de manter a santa na capela, os brancos rendem-se à insistência dos escravos e permitem que eles rezem para a imagem, à beira-mar. Uma guarda de Congo dirige-se então, para a praia e com seu ritmo saltitante, sua coreografia ligeira, suas cores vistosas, paramentos brilhantes e fitas coloridas canta e dança para a divindade. A imagem movimentava-se nas águas, alça-se sobre mar, mas não os acompanha. Vêm, então, os moçambiqueiros, pretos velhos, pobres, com seu canto grave e gutural, seu ritmo pausado e denso, as *gungas*, seus *pantagomes* e sua fé telúrica, cativam a santa que, sentada no tambor maior, o Santana ou Chama, acompanha-os devagar, sempre devagar. In: Martins, Leda Maria. *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo/Belo Horizonte: Ed Perspectiva/Mazza Edições, 1997.

15 Gabarra, Larissa Oliveira. Congado de Uberlândia: relíquias e memória. *Revista História e Perspectivas*, n.34, Uberlândia, jan.-jun. 2006: 393-423.

16 Lucas, Glaura; Luz, José Bonifácio da. (orgs.). *Cantando e reinando com os Arturos*. Organização: Comunidade Negra dos Arturos. Belo Horizonte: Rona, 2006.

17 Becker, Howard. Arte como ação coletiva. In: *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.